

Sobre a educação e sua contribuição para os problemas sociais

Diante de atos de violência, de mentiras e da falta de honestidade, ficamos pensando o que fazer. Adianta rezar para que as coisas mudem ou para que estejamos protegidos? Devemos reagir na mesma moeda? A sociedade deveria investir em vigiar e punir?

Há quem pense que a questão tem a ver com a educação e sob este ponto de vista uma reflexão possível é a que se segue. As crianças captam e apreendem o mundo que encontram ao nascer, constituem-se, ao longo da infância, com o que encontram nessa grande escola que é o mundo. Temos a tarefa de apresentar o mundo às crianças. Elas vivenciam cada aspecto do que apresentamos, ainda sem ter uma experiência prévia, sem saber se gostam ou não, sem qualquer defesa para o que seria nocivo. Todas as experiências que uma criança tem, chegam a ela através de seus órgãos sensoriais, através de seu corpo. O encontro entre mundo e corpo ocorre antes mesmo de que a criança tenha um sentimento ou uma compreensão sobre aquilo que está vivenciando. Experimentam antes de gostar e de entender. Levamos a criança a experimentar aquilo que imaginamos que ela goste e repetimos a vivência quando vemos que elas se entretêm ou se excitam. São experiências que adentram e perpassam na criança através de seu corpo, vivências sensoriais que causam reações motoras, provocam gestos quase que puramente reflexos. Os atos vivenciados penetram corpo adentro pelos órgãos sensoriais, perpassam e esculpem o sistema nervoso e os músculos, comandam os movimentos corporais de modo que a criança faz aquilo que fazem com ela. Ela imita, ela aprende por imitação; percebe e faz aquilo que captou através dos órgãos sensoriais, sem modular suas ações por sentimentos ou pensamentos. Ao apresentarmos o mundo às crianças, nós propiciamos um encontro em que a criança apreende o mundo dentro de si e passa a atuar de acordo com o que foi aprendido. Os adultos carregam consigo o que foi aprendido ao longo de seu desenvolvimento, aquilo que colocamos ou deixamos que fosse colocado dentro deles.

Há tantas coisas lindas e outras medonhas de feias. Há



tanta gente boa e há tanta maldade. Há tanta mentira e tanta sabedoria no mundo, tudo isso está aí para ser aprendido. O mundo educou as pessoas que estão em cena hoje, essas mesmas pessoas que estão fazendo isso que dá nos jornais. Elas aprenderam a agredir, a violar, a mentir, a corromper. Aprende-se isso no mundo, mas se trata de uma questão, também, da educação que ocorre no ambiente escolar. A violência e outras coisas feias de ver, as mentiras e os atos desprovidos de sentido, surgem já na infância e estão presentes nas escolas. Os professores e a escola como um todo não lidam apenas com assuntos de didática, currículo e aprendizagem, lidam cada vez mais com questões sociais que surgem por conta do comportamento das crianças, das tão faladas dificuldades ou distúrbios de comportamento infantil.

Queremos um mundo bom, belo e verdadeiro. Como vamos planejar e executar atividades escolares que ensinem isso, que auxiliem as crianças que desde cedo criam problemas de ordem social?

Num contexto de ensino onde se mira a capacitação, é possível dizer que quem pratica atos de violência aprendeu a

realizá-los durante seu processo de educação. O caos social passa pela capacidade adquirida de agredir, pela formação de uma sensibilidade tosca e pela competência em enganar. As pessoas estão sendo “educadas” desde a infância, e estão aí, fazendo o que aprenderam. Claro que há gente praticando “bem” o bem, e para todos. Mas parece que o ensino de praticar “bem” o mal, está cada vez mais eficaz.

A tragédia ocorre na infância, quando a criança, ainda macia, está sendo moldada, formatada e em muitos casos deformada. Justo nesta fase que a criança está mais inconsciente é que ela é educada para (e aprende a) ser violenta, egoísta, competitiva e insensível. E isso é feito inconscientemente, claro – não se faria isso conscientemente. Sem que se perceba, isso pode ser levado para as crianças quando os adultos são violentos com elas, quando gritam, quando desrespeitam e quando enganam; quando elas são privadas e sofrem por não terem atendidas as suas necessidades básicas; quando são expostas a brinquedos e entretenimentos com imagem e situações de violência; quando estimulamos a competição, valorizando mais as crianças que conseguem mais. Nós, a sociedade, somos ao mesmo tempo vítimas e culpados. E as crianças que hoje são vítimas, amanhã terão filhos e os educarão com aquilo que aprenderam. Um ciclo, repetição.

E o novo, de onde vem o novo? Quem convive e trabalha com crianças, tendo um mínimo de sensibilidade, sabe que elas trazem o novo. Elas não são um saco vazio a ser preenchido. Elas são essencialmente sensíveis, esperançosas, alegres e amorosas. Elas são confiantes e clamam por confiança. Elas são boas e creem cegamente que o mundo é bom, precisam crer nisso. A fragilidade é boa. A fragilidade nunca é truculenta. Precisamos de professores que preservem e cultivem o novo que há dentro de cada criança. Educadores que, ainda que tenham sido vítimas de uma má educação, creiam que cada criança tem algo de bom, de belo e de verdadeiro a ser protegido e cultivado. Aqui a escola tem um papel estratégico, ela pode ser um mundo bom onde a criança seja protegida das agressões contemporâneas e se

nutra de bondade, de beleza e de verdade. A educação precisa mirar o cultivo do bem que há nas crianças e não se limitar apenas ao ensino informativo do que acontece e existe no mundo. Claro que uma educação com essa qualidade não deveria se limitar à escola, mas há muitos pais que não têm a menor condição de responder pela educação de seus filhos. A escola precisa contribuir principalmente para crianças que vivem em situação de risco, mas também para aquelas que não podem ter a atenção de seus pais, o que seria sem dúvida o mais benéfico.

Mas como? Com quais vínculos afetivos? Com que postura diante dos distúrbios de comportamento e das dificuldades de aprendizagem? Como incluir os diferentes? Como lidar com a prática de *bullying*? Seria possível trabalhar a sensibilidade através da arte? Como ensinar ética a uma criança? Qual a postura diante dos esportes, competição? Com que organização social, com que estilo e com que estética a escola vai se apresentar aos alunos? E os alimentos, quais usar, quais ensinar a comer, quais são salutogênicos e quais são patogênicos, como usá-los a favor e não contra o desenvolvimento neurológico? E os brinquedos, reais, sintéticos, eletrônicos, virtuais? Brinquedos previamente fantasiados ou que estimulem a criatividade? Entretenimentos excitantes, violentos, eróticos, ou sensibilizantes? Como se educa em relação ao sexo e às drogas? E o currículo, como propor um estudo de matérias que sejam entusiasmantes a ponto da criança amar e ter interesse em conhecer o mundo? Como lidar com a tragédia que assola a infância, a educação e a escola?

Ou encaramos isso ou vamos continuar sem saber por que as coisas estão como estão. Vamos continuar apenas rezando para que as coisas melhorem. Continuaremos, possivelmente, vítimas passivas da barbárie que, ou estamos cultivando, ou não estamos evitando.

Darlan S. Ferreira, médico escolar

Rio de Janeiro – RJ

Endereço para correspondência: darlanferreira@uol.com.br